

# NGANGA

07 - Setembro 2022

# POMBA GIRA





# Expediente

**Direção geral:**  
Douglas Rainho

**Edição e diagramação:**  
Everton Martins

**Revisão:**  
Danyo Nascimento

**Foto Kimbanda Zelawapanzu:**  
@clickaxe

**Arte Da Capa e ilustrações:**  
Luciana Lupe Vasconcelos

Um projeto da Cova Cipriano Feiticeiro, Templo De Quimbanda Pantera Negra e Dama Da Noite, Templo De Quimbanda Cova de Tiriri e Perdido.co.

**Contato:**  
revistanganga@perdido.co

# Somário

Editorial . . . . .	4
Quimbanda & Magia Cerimonial . . . . .	5
Quimbanda & Tradição Fáustica . . . . .	8
O Kimbando & a Ísis sem Véus . . . . .	12
A Hierarquia Iniciática da Quimbanda Nàgô . . . . .	17
O Caminho Do Kimbando . . . . .	19
O que é o mal? . . . . .	21



# Editorial

Chegamos ao cabalístico número 7 da Revista Nganga, o que é algo para se comemorar. Em um mercado onde tantas outras divulgações sobre esoterismo, ocultismo e religião com cunho afro-brasileiro não consegue prosperar, encontramos uma revista fundamentada na prática tradicional de Quimbanda com muito da experiência de seus autores.

Quando adentramos a Quimbanda, a vontade de saber se faz presente desde o primeiro marafo, depois de um tempo descortinamos esse véu, sabendo que estávamos dormindo, enganados pela nossa própria ignorância. Entender que tudo na verdade é sagrado e que o encantamento está em tudo é a primeira lição que o Kimbanda deve aprender.

Nesta edição Tata Kamuxinzela traz dois textos que abrem a cabeça de quem precisa compreender que apesar da Quimbanda ter sua tradição, as informações passadas pelas entidades e a própria experiência do Kimbanda é extremamente importante.

Em outro texto, trago a você uma reflexão sobre o propósito do Kimbanda e a tentativa de definir a pergunta que assola todos: “O que é o Mal?”.

Aproveitem e se permitam enxergar suas trevas interiores.

**Aweto!**

*Kimbanda Zelawapanzu*  
*Entre em contato pelo [instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)*

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

## Quimbanda & Magia Cerimonial

A construção dos próximos ensaios, a serem publicados na *Revista Nganga*, é a continuação dos estudos sobre a *incursão diabólica* no Brasil, por meio do desenvolvimento da estrutura de culto da Quimbanda em seu *segundo momento*, a partir da década de 1950, onde a demonologia e diabolologia dos grimórios de evocação mágico-demoníaca da Europa medieval e moderna associaram-se ao Culto de Exu.

Estes ensaios, para as próximas edições da revista, debruçam-se sobre a história da magia no medievo, com foco na tradição dos grimórios.

A intenção desta imersão histórica, é buscar uma compreensão mais profunda de como a demonologia e diabolologia dos grimórios, e portanto a influencia da magia cerimonial ou *magia ritual* como também é chamada, chegou até a Quimbanda.

Nas edições anteriores, da *Revista Nganga*, nos preocupamos em sintetizar, de forma coerente, as influências fundantes da Quimbanda e sua evolução nos *dois momentos* do Culto de Exu no Brasil. Os próximos ensaios buscam encerrar essa síntese de estudo sobre a forma como a Quimbanda desenvolveu-se, objetivando as influências que recebeu da magia africana, europeia e ameríndia.

Duas questões que envolvem os estudos profundos de Quimbanda como tradição são: i. qual o grau de influência da magia cerimonial sobre a Quimbanda?; ii. Quimbanda é religião ou magia? Sobre a primeira questão, com base na avaliação comparativa entre elementos rituais (símbolos e ferramentas mágicas) e métodos de operação, inúmeras equivalências são inferidas. Vou destacar algumas:

Na magia cerimonial evocativa o magista convoca<sup>[1]</sup> a presença de um espírito tutelar, que

[1] Existem dois meios tradicionais de operação mágica na magia cerimonial: invocação e evocação. Invocações são dirigidas a deuses, anjos e arcanjos para i. enriquecimento da alma, ii. realização de alguma compulsão da alma animal. Evocações, da raiz *evoco* que significa *chamar alguém a se apresentar*, são

tanto é a fonte por trás de seus poderes, quanto o meio pelo qual ele acessa as outras *criaturas espirituais* da Natureza ou *reino da geração*. A exemplo disso, veja o livro que inaugura a tradição salomônica: O TESTAMENTO DE SALOMÃO. Na Quimbanda, de igual modo, o *kimbanda* convoca a presença de seu Exu tutelar. Através do poder de seu Exu o *kimbanda* opera sua feitiçaria, como o feitio de amuletos diversos, pós e porções mágicas etc. É através de seu Exu tutelar que o *kimbanda* tem acesso a todos os Povos de Exu e Pombagira. É interessante notar que o espírito tutelar, no contexto da feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, como demonstrado anteriormente,<sup>[2]</sup> tem a função de auxiliar a deificação da alma do feiticeiro. De igual modo, o *kimbanda* é auxiliado pelo Exu tutelar a deificar a sua alma.

Aparatos mágicos diversos são utilizados na magia cerimonial: livros mágicos, anéis de poder, vestimentas cerimoniais, espadas, adagas, baquetas e pantáculos etc. Todo esse material é *desperto*, *ativado* e *consagrado* na intenção de manipular e dirigir a força mágica. A Quimbanda opera da mesma maneira: o *kimbanda* também utiliza anéis mágicos, que representam o domínio de seu Exu tutelar sobre o *diabo pessoal*, ou seja, o demônio que trabalha para o *kimbanda* através do poder do Exu. Regalias cerimoniais como a capa, a faca e o chapéu representam a autoridade mágica do Exu tutelar sobre as forças da Natureza e, através delas, ele é hábil em manipular e projetar a força mágica.

São tantas as equivalências, dentro das devidas proporções, que podemos dizer quão grande é a influência da magia cerimonial na Quimbanda, que um tomo inteiro poderia ser escrito para demonstrar isso, com riqueza de detalhes, o que

*chamados, adjurações, conjurações e convocações* de demônios ou espíritos dos mortos de maneira ríspida e hostil para muitos fins, como lançar-se em guerra contra o inimigo.

[2] Veja o suplemento de estudo disponível no site: *Os Papiros Mágicos Gregos & a Macumba Brasileira*.



não é possível nesse opúsculo de meditação.

Sobre a segunda questão, em que pese à diferença entre magia e religião, no âmbito da Quimbanda, recentemente vi um vídeo de Mário Filho, no YouTube, onde ele fala de maneira bem reducionista e cartesiana, convocando a influência de Marcel Mauss e Émile Durkheim, que *a ilegalidade sempre foi uma característica universal da magia*.

Bom, quem tem boca fala o que quer não é mesmo? Essa é uma opinião bastante equivocada, porque no que tange a diferença entre magia e religião, tudo depende da cultura e do tempo, no curso da história. No Egito, por exemplo, a magia era sancionada pelo estado – império – e apenas atos de magia contra o faraó e sua família eram passíveis de punição. Na Babilônia, Grécia e Roma antigas, apenas a *malefica* e condutas mágicas antissociais, como a produção de venenos, o roubo ou deslocamento de cadáveres para necromancia, eram casos de punição.<sup>[3]</sup> Somente nos Sécs. XVI e XVII as autoridades clericais da Europa usaram dos tribunais civis para perseguir e punir os praticantes de bruxaria.<sup>[4]</sup> Então, a diferença entre magia, sua legalidade e a religião, de modo geral, é limitada no âmbito do tempo e cultura, não uma *diferença* básica e

[3] Veja *Revista Nganga* No. 5 para um estudo acerca da magia como contravenção na Roma pré e pós-cristianismo.

[4] E isso teve um impacto profundo na atuação das Pombagiras na Quimbanda.

universal.<sup>[5]</sup> Esse é um critério bem limitado na enumeração das diferenças entre elas, que podem ser:

A religião monoteísta lida com Deus; a religião politeísta lida com deuses e deusas; a magia lida com todo tipo de *criatura espiritual*. Universalmente, a magia se trata da comunicação e o envolvimento de *entidades não-físicas*. Os efeitos da magia são conquistados pelo ofício proficiente dessas *entidades não-físicas*, que podem ser anjos, demônios, espíritos dos mortos etc.

A magia depende da intercessão, bem-sucedida, do que John Dee nomeia como *criaturas espirituais* em seus diários. O interessante dessa *classificação* feita por John Dee é que ela não envolve missivas morais de espécie alguma, na distinção dos incontáveis espíritos que fazem sua morada na região sub-lunar, sejam eles ctônicos, telúricos ou aéreos e que estão fora – ou além – da percepção física. É interessante que, John Dee relata em seus diários, muito embora ele tentasse invocar apenas anjos, muitas vezes aparecia um espírito enganador e de nada adiantavam as orações e precauções mágicas que ele tomava. Essa classificação de John Dee, que já adotei inúmeras vezes em meus escritos, é pragmática, porque ela inclui anjos, demônios, ninfas, espíritos de mortos, *genni loci* etc. O termo *espiritual* antagoniza, portanto, o reino físico, evitando qualquer missiva moral que envolva a distinção dessas *criaturas espirituais*.

Simplificando, a religião lidará com Deus, Deuses ou Deusas, na forma de simples imprecação, quer dizer, petições solenes na forma de preces ou na intercessão de um sacerdote, para cumprir requerimentos de alguma divindade. É muito difícil um sacerdote religioso ultrapassar a linha tênue da *coerção* de alguma criatura espiritual, como é o caso dos exorcismos na Igreja Católica. A magia, diferente da religião, utiliza de métodos coercitivos abundantemente.

As configurações da prática religiosa tradicional são distintas dos rituais de magia. Por exemplo: raramente verá um mago executando um ritual de magia (que não seja dramático e sim eficientemente mágico) dentro de um tem-

[5] Sobre esse tema, Wouter J. Hanegraaff em *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism* (Brill, 2006), diz: *Assim, a suposição geral grega e romana era que a magia se originou com os persas. Essa visão é tão antiga quanto a percepção da «magia» como algo diferente de outras atividades culturais; ambos remontam ao final do Séc. VI a.C. A visão alternativa sustentada por Píndaro na quarta Ode a Pítia (a. 462 a.C.) já era datada naquela época e nunca se tornou popular: segundo sua narração, Afrodite ensinou magia erótica a Jasão para seduzir Medeia. Nesse relato mítico, então, a magia (erótica) é entendida como uma técnica cultural que pode ser ensinada, como a agricultura ou a escrita.*

plo religioso. De igual modo, raramente verá um padre católico realizando a missa dominical aos pés de uma figueira. As exceções existem em todo caso, mas não passam de exceções e não configuram padrões. O padrão é que na religião, o rito central é dramático, porque encena um mito e é executado dentro de um templo, na presença da comunidade. Ele irá reforçar, como citei na apostila do *Curso do Oráculo das Sete Linhas de Umbanda e Quimbanda*, os valores da cultura:

Através do ritual, portanto, um homem ou um coletivo de pessoas fazem afirmações e empreendem ações ritualizadas que, embora inicialmente possam ser metafóricas, afetam as ações não ritualizadas da vida secular. Os símbolos do ritual expressam uma linguagem de valores que é internalizada emocionalmente, tornando-se mais poderosa do que especulações racionais, o que define e programa as ações no mundo em um nível profundamente intuitivo. Através do ritual estes símbolos são projetados e reforçados na psique dos participantes, reforçando os valores socioculturais.

A magia moderna definiu essa mecânica como *ritual dramático*. Considerados magicamente estéreis, os rituais dramáticos, não têm o poder de transformar a realidade material, mas de recodificar a estrutura da alma, que passará a imprimir no mundo, através das ações seculares, os valores expressados, simbolicamente, pelos ritos. Exemplos de rituais dramáticos, nos dias atuais, são as cerimônias ritualísticas de ordens maçônicas, para-maçônicas e a Missa da Igreja Católica.

O padrão de um ritual mágico é distinto. Os magistas preferem locais ermos, sem a presença de um conjunto de pessoas, não apenas para evitar que suas práticas sejam descobertas, mas porque também as diversas criaturas espirituais, como os animais selvagens das matas, fogem da presença humana. Enquanto a magia é praticada em diversas zonas de poder mágico, a religião é praticada nos grandes centros e dentro de estruturas como templos e igrejas.

No contexto da magia cerimonial evocativa, que exerceu profunda influência sobre a Quimbanda, a configuração padrão é o uso de palavras, objetos mágicos e fórmulas, cuja finalidade é coagir um demônio e o método consiste na construção de inúmeras salvaguardas mágicas entre o mago e o demônio, porque o contato com ele implica hostilidade. Como dissertei, nas edições anteriores da *Revista Nganga*, os grimórios mágicos modernos diminuem essa hostilidade, resgatando práticas antigas de feitiçaria,



as mesmas que possuímos na Quimbanda, como oferendas e sacrifícios de sangue, para amenizar a conexão e a comunicação com estas criaturas espirituais. Foi essa geração de grimórios, que revisou os métodos-padrões tradicionais da magia salomônica, especificamente o GRIMORIUM VERUM, que impactou os métodos da Quimbanda.

Para finalizar, no que tange a diferença entre magia e religião na Quimbanda, pela análise é sóbrio definir que a Quimbanda é tanto magia quanto religião, dependendo do contexto e da casa onde é praticada. Como religião, a Quimbanda, oferece um Norte espiritual de deificação da alma e cumpre requisitos cerimoniais públicos, incluindo sacramentos como casamento e batismo. Como magia, a Quimbanda, utiliza uma gama de instrumentos, fundamentos e símbolos para manipular e conduzir criaturas espirituais e forças mágicas, através do Exu tutelar.

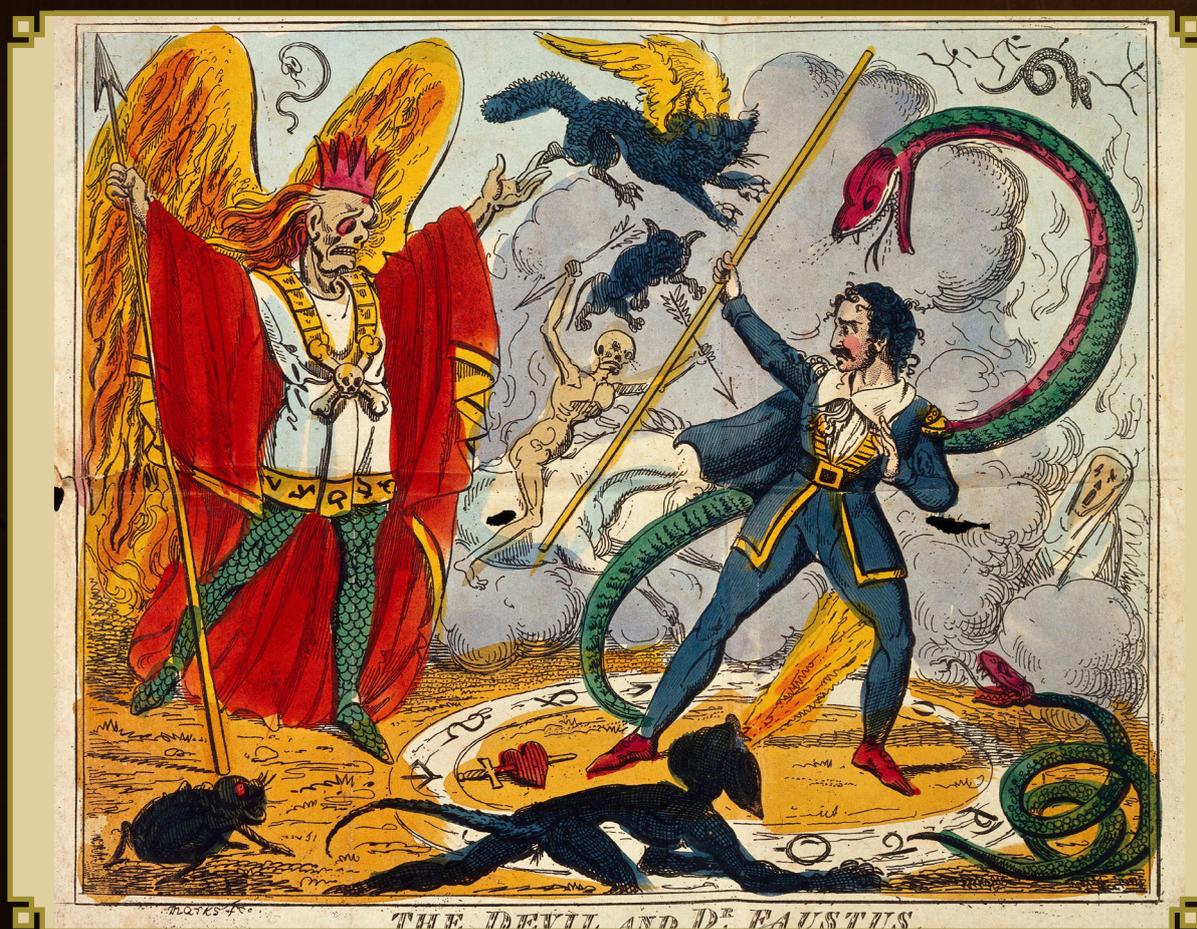
**Táta Nganga Kamuxinzela**  
Mestre de Quimbanda Nàgô e  
Quimbanda Mussurumin  
Cova de Cipriano Feiticeiro  
[www.instagram.com/tatakamuxinzela](http://www.instagram.com/tatakamuxinzela)

Táta Nganga Kimbanda Kimuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

## Quimbanda & Tradição Fáustica

Para um hermetista não é trabalho difícil encontrar hermetismo e alquimia na Quimbanda. Para adeptos que detêm chaves hermético-alquímicas, encontrá-las nos inúmeros *processos, fases e ciclos* da Quimbanda torna-se um exercício criativo de gnose para vários fundamentos do culto. A Quimbanda desenvolvida modernamente em detrimento de sua gênese no *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil recebe grande influência da tradição fáustica da magia que, assim como a Quimbanda, é *contra-sistema*. Ambas as

tradições são frutos de conflitos espirituais, embates culturais, políticos e religiosos. O *espírito* da Quimbanda nasceu dentro dos Quilombos, senzalas e favelas na luta de revolta contra o sistema escravocrata de nossa sociedade. O *espírito* da tradição fáustica nasceu como contra-ataque e resistência ao crescimento e obscurantismo protestante na Alemanha. Causas idênticas, locais separados geograficamente. Seja onde for, o *sistema* escravocrata imposto pela sociedade cristista produz escravos, os serviçais de sua manu-



"O Diabo e Dr. Fausto", Wellcome Images.

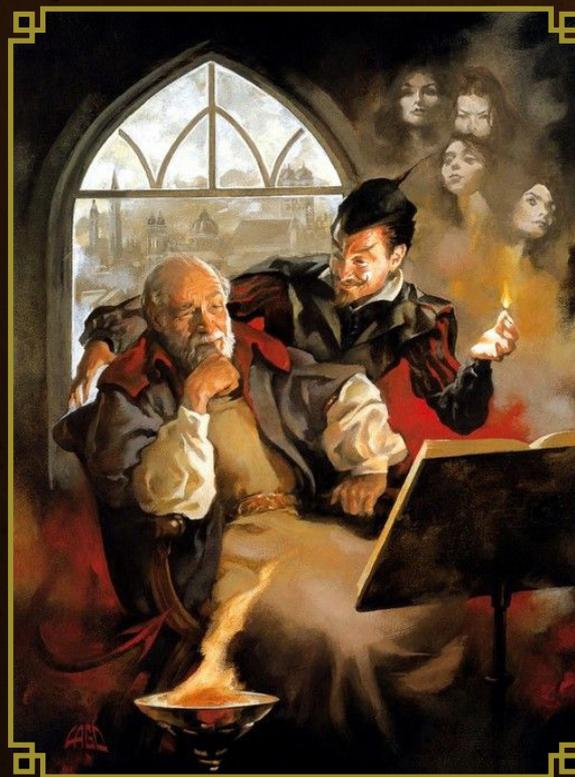
tenção. O homem escravizado, alienado de sua *realiza espiritual*, é um obstáculo ao desenvolvimento pessoal, ao aperfeiçoamento de si mesmo, a busca pela transcendência da alma e a superação dos obstáculos e limites impostos pela natureza. Isso pelo simples fato de não conseguir formular um *veículo espiritual* apropriado à transcendência, tamanha cegueira.

O caminho do autoconhecimento leva ao rompimento com amarras sociais profundas. Esse é o caminho do *manganeumata das sombras*, o *troll* ou *trickster*, personagens existentes na mitologia e imaginário universais. Sua fórmula mágica sempre é da marginalidade e *violação* da ordem vigente, do tabu social estabelecido. Dentro de diversas culturas colonizadas, dentro de vários cultos que emulam e labutam pela continuidade do *status quo* cultural, religioso e social, sempre existiu um elemento de antagonismo e isso, de modo geral, é admirado por inúmeras pessoas. Na Argentina muitos bandidos foram canonizados e se tornaram santos, convocados em inúmeras tradições de feitiçaria. No *Velho Testamento* Abraão foi um personagem marginal, Moisés inicia sua carreira com um assassinato e o profeta Elias se rebela contra o rei e a rainha que acabou defenestrada pela janela e comida por cães. Na Quimbanda os Exus e Pombagiras foram espíritos revoltados, quilombolas, aborígenes, bruxas, prostitutas ou criminosos que adentraram as *linhas de trabalho* do Reinado do Chefe Império Maioral, o Diabo.

O caminho do Diabo é aquele atalho por dentro da mata fechada. Você precisa encontrar um *diabo pessoal* que lhe oriente por essa trilha quase que despercebida pelo olhar de um profano. O caminho do Diabo é o caminho da iniciação e do autoconhecimento, do discernimento lúcido da alma passando pela matéria e do trabalho sobre ela nessa *passagem*, nesse ciclo, nessa fase. Não se trata de um caminho confortável, porque para se aprofundar nos atalhos da mata escura é preciso lidar com a selvageria que existe dentro dela. É preciso tornar-se um *guerreiro*, um *sobrevivente* da natureza, do reino da geração. A fórmula alquímica aqui é àquela do *Solve et Coagula*, porque é preciso adaptar-se e transformar-se; é preciso destilar toda matéria de sua sujeira, é preciso *enegrecer* todas

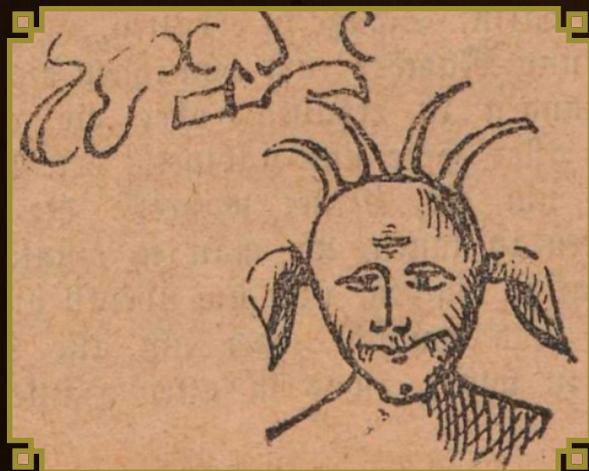
as suas partes para que algo novo venha a renascer, algo que conseguiu *sobreviver* a todo o ciclo. Dentro dessa alquimia, que depende de muitas operações distintas, nasce o guerreiro que adquiriu a maestria da vida e como tal, tornou-se o Rei, de seu reinado. E é interessante notar que esse processo alquímico, por exemplo, ocorre fundamentalmente também dentro da *operação mágica* do corte propiciatório, porque é a morte que dá vida ao *filho mágico* ou *pedra filosofal* da operação. As etapas rituais de um sacrifício propiciatório na Quimbanda contêm todas as operações clássicas da alquimia. Para quem tem olhos para ver, alquimia, teurgia e hermetismo estão encerrados dentro da Quimbanda, o que faz dela uma genuína filha brasileira da tradição hermética de mistérios.

A Quimbanda é um culto de morte; ela louva o espírito da morte por meio de espíritos de mortos. Mas o caminho do Diabo, do pacto com ele, também não é um caminho de morte? A morte de Fausto, aceita popularmente como consequência de seus atos ímpios junto ao Diabo, na verdade é uma alegoria para a transformação do trabalho alquímico *Solve et Coagula*.



"Fausto", por Ray Lago.

É interessante notar que Lúcifer, o fogo da lucidez, o brilho prístino do olhar sobre a matéria, o impulso de liberdade e a força de rebeldia contra todo o sistema social de produção e manutenção de cativos, é retratado nos grimórios fáusticos em uma imagem espinhosa (veja abaixo). Isso porque seus espinhos machucam e prejudicam profundamente o conjurador que, sem saber, trata-se de um colono catequizado em seus abismos mais profundos. Na Quimbanda nós dizemos que um *kimbanda* deve suportar o peso da *Coroa dos Maiores*. Lúcifer é a joia da coroa, a Sabedoria, àquela chama negra que iluminará a ignorância abissal do adepto. E quantos *kimbandas* – tamanha cegueira – não têm tombado pelos caminhos espinhosos de Lúcifer? Lúcifer é o *agitador*, por isso ele tido como espírito infernal perigoso na magia fáustica. A grande maioria das pessoas não está preparada para enfrentar uma rebelião no interior de si mesmas; essa *força* ígnea luciférica acaba por gerar nos cegos que tateiam no escuro uma força antagônica proporcional, o que leva a derradeira derrocada da jornada espiritual.



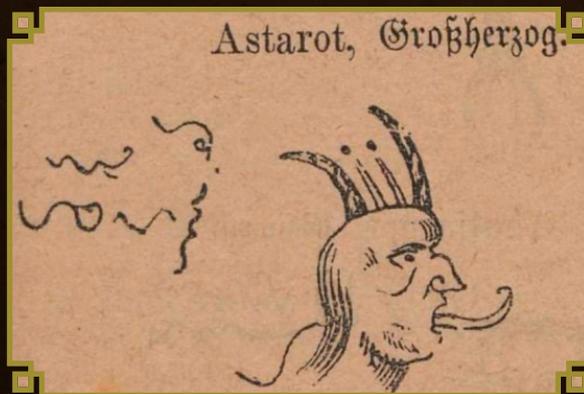
A chave para compreensão das três forças Maiores da Quimbanda, a *Corte Infernal*, *Trindade do Oposto* ou *hierarquia demoníaca*, reside na luz negra ou chama luciférica crepitante do autoconhecimento. Na Quimbanda o Exu tutelar é o transportador dessa chama ígnea luciférica que ilumina o caminho mata adentro. Isso faz do *kimbanda* um *homem de conhecimento*, um adepto da sabedoria que comeu o fruto conferido pela serpente e despertou para natureza do

Diabo. O sacramento ingerido é responsável por acender uma chama interior dentro dele, levando-o gradualmente ao despertar e revolução luciférica. A força espinhosa de Lúcifer é àquela do romper com as limitações do potencial espiritual, limitações essas muitas vezes impostas por nós mesmos para nossa própria proteção ou preservação. Para que esse rompimento ocorra é necessária uma força de muito poder: Lúcifer, o portador da luz primordial.

A imagem do sigilo de Beelzebuth, interessante notar, tem uma fórmula fálica (veja abaixo). Isso significa que Beelzebuth na hierarquia infernal trata-se de um princípio alquímico *ativo*, o *sagrado masculino*, um impulso de renovação saturnina, quer dizer, que se inicia com a morte/restricção. Beelzebuth foi uma divindade adorada no Levante no verão, período marcado por infestações de moscas, daí *Senhor das Moscas*. As moscas representam um estado alquímico de morte e putrefação.



Por outro lado, Ashtaroth é representado com um sigilo aberto (veja abaixo), significando que seu papel na hierarquia infernal é *passivo*, o *sagrado feminino*. A deusa Astarte que mais tarde se tornaria Astaroth, estava muito próxima da deusa Asherá no Levante, como uma deus fértil, representando a maté-





"Fausto e Mephisto na masmorra", por Joseph Fay.

ria ou organismo vivo, quer dizer, a fonte ou útero que provê frutos.

Temos aqui nessa trindade, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth uma fórmula mágico-alquímica de criação primordial.<sup>[1]</sup> Lúcifer – o portador da luz, a quintessência do despertar espiritual, o fogo logoidal luciférico, o impulso diabólico de transcendência, o espinhoso – é uma luz primordial que se refrata através de duas forças, masculina (ativa/morte/putrefação) e feminina (passiva/criativa/fértil). Então inferimos que alquimicamente, primeiro essa luz tem de morrer e entrar em decomposição, o que produz moscas, para que a força feminina então possa dar-lhe uma nova vida. Assim, a força dos três Maiores opera como uma fórmula de renascimento através da morte; trata-se de um trabalho de alquimia. Volte na *operação mágica* do sacrifício: o fruto só é colhido a partir da vida que vem da morte. Essa fórmula alquímica está presente em absolutamente tudo na Quimbanda, desde a iniciação, a consagração como sacerdote e o aprontamento como mestre; nas técnicas

de feitiçaria e nas venerações propiciatórias. O *casamento místico* não ocorre em uma cama nupcial, mas dentro de um túmulo. Ele passa pelo portal da morte. Essa é uma fórmula necromântico-alquímica universal, presente em todas as culturas que veneram a morte.

O símbolo dessa fórmula alquímica dos Maiores é a iconografia de Baphomet, onde ela é esboçada em perfeito equilíbrio. Esse equilíbrio é mantido dentro dos Reinos da Quimbanda pela atuação do Diabo, o Maioral dos Infernos que irradia sua luz através da atuação de Exu e Pombagira.

**Táta Nganga Kimbanda  
Kamuxinzela  
Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu  
Pantera Negra e Pombagira Dama da Noite  
[www.instagram.com/tatakamuxinzela](http://www.instagram.com/tatakamuxinzela)**

[1] Na Árvore da Vida: Lúcifer (Daath) provê a força que se manifesta, Beelzebuth (Chokmah) e Ashtaroth (Binah).

Táta Nganga Kamuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

## O Kimbando & a Ísis sem Véus

Para um *kimbando* com profunda inclinação a filosofia é difícil, senão impossível, não avaliar o mundo, a cultura, a religião, todos os aspectos da vida cotidiana e a prática da Quimbanda filosoficamente. Por outro lado, para um *kimbando* que passou mais de vinte anos imerso no que se conveniu chamar de Filosofia Oculta ou popularmente Ocultismo e a prática da Magia Ritual (ou *cerimonial*), é impossível não avaliar as técnicas mágicas da Quimbanda com os olhos de um ocultista. Um *kimbando* com essa bagagem filosófica e mágica irá avaliar a Quimbanda sob uma perspectiva diferente, e usará de símbolos não convencionais a cultura afro-brasileira para explicar certos conceitos, fundamentos e ideias.<sup>[1]</sup> Isso de modo algum se trata de i. marmotagem, ii. reinvenção da roda, iii. fundação de uma nova perspectiva da Quimbanda e muitas tolices que abundam por aí. Um ocultista de inclinação filosófica não quer mudar a Quimbanda ou seu *modus operandi*. O que ele quer é *pensar* a Quimbanda profundamente e encontrar nela o mesmo pano de fundo que encontra em outras culturas mágicas, criando pontes e conexões fora do tempo e espaço. E é isso que vamos fazer neste opúsculo de meditação.

Fazendo minhas pesquisas para um texto que estou escrevendo, *História Concisa da Magia*, cuja intenção é fundamentar historicamente a *incursão diabólica*, quer dizer, o papel do Diabo e a magia demoníaca dos grimórios na Quimbanda, me deparei com um tema que muito aprecio, a Filosofia da Natureza nos livros medievais de magia, filosofia, alquimia e ciência. Na Europa Me-

[1] Autores espíritas e ocultistas brasileiros fizeram isso no terreno da Macumba, Umbanda e Quimbanda: Aluizio Fontenelle, N.A. Molina, Rivas Neto, Danilo Coppini e muitos outros.



"Ísis revelada pela ciência", por Jan Luyken, ilustração do livro "Anatome Animalium", de Gerhard Blasius.

dieval a Natureza foi representada de muitas maneiras. No Séc. XV, por exemplo, era comum representar a Natureza como uma mulher nua com fartos seios. A associação da Natureza a imagem de uma mulher nua se espalhou como fogo no fardo capim do Renascimento, Iluminismo, Romantismo e pós-modernismo. O manual iconográfico de Gravelot e Cochin no apogeu da Revolução Francesa dizia: *A Natureza é designada por uma mulher nua, cuja atitude exprimi a simplicidade de sua essência*. O MANUAL DE ICONOLOGIA de Cesare Ripa no Séc. XVII demonstrava a Natureza como uma mulher farta de seios carregando um abutre, animal que representa a fecundidade e a maternidade da Natureza. O abutre também fazia representar a Natureza em um

contexto egípcio, e no fim do Séc. XVII a Natureza é representada como Ísis-Ártemis no livro sobre ANATOMIA DE ANIMAIS DE BLASIUS, cuja mulher, a ciência, levanta o véu de Ísis (foto acima).

Desde o Séc. XVI outra representação comum da Natureza era a imagem de Ártemis de Éfeso, sob a forma de uma figura feminina coberta por um véu, farta de seios e rodeada por diversos animais. É interessante que algumas imagens demonstrem Ártemis de Éfeso como uma árvore presa no solo, cujas raízes são diversos animais. Versões distintas da Natureza como Ártemis de Éfeso começaram a aparecer. Em algumas a Natureza se encontra sob o pilar da Filosofia, ou tem aos seus pés os gênios da ciência e do experimento científico. Essas imagens transmitem a tendência da época em colocar a ciência, a filosofia, a arte, a poesia e a música como instrumentos de dissecação da Natureza. A imagem de Apolo desnudando Ísis-Ártemis (acima) é um exemplo, onde a música, representada por Apolo, levanta o véu de Ísis, quer dizer, a música, a arte e a poesia são capazes de desvendar os segredos ocultos da Natureza.

Em uma imagem de Ártemis de Éfeso do período greco-romano vê-se a inscrição grega: *physys panti biōi*, quer dizer, *a força produtiva para todas as criaturas*. São Jerônimo no seu comentário a EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS, diz: *Os Efésios honram Diana, não a famosa caçadora, mas a Diana de seios múltiplos, que os Gregos chamam de polymaston, a fim de fazer crer por essa imagem que ela alimenta todos os animais e todos os seres vivos. Desde o fim da Antiguidade havia a tendência de personificar a Natureza como a Ártemis efésia e a Ísis egípcia. Macróbio (Saturnais, I:20), disse: Ísis é ou a terra ou a Natureza que está sob o sol. Por isso todo corpo da deusa está erigido com uma multidão de seios apertados uns contra os outros, porque o conjunto das coisas é nutrido pela terra ou pela Natureza. E Jámblico em THEOLOGOUMENA ARITHMETICAM COMMENTARIA, ressalta que na aritmologia pitagórica a Díada, quer dizer, o número dois, era identificado a Ísis, Ártemis e a Natureza, associando a terra, a*

Natureza ou reino da geração a pluralidade total e absoluta das formas. Tanto que nas METAMORFOSES de Apuleio a Natureza se apresenta assim: *Eu venho a ti, Lucius, [...] eu, mãe da natureza inteira, mestra de todos os elementos e todas as criaturas*.

Uma vez que Ísis e Ártemis foram identificadas como a Natureza e uma só deusa, a mulher portando o véu passou a representá-las, simbolizando a ocultação dos segredos da Natureza. Edmund Spenser no Séc. XVI em seu THE FAERIE QUEENE (Canto VIII) diz: *ninguém conhece o seu rosto, que nenhuma criatura pode descobri-la, pois ela é oculta por um véu que lhe cobre o rosto. Uns dizem que este véu se destina a dissimular o caráter terrífico de sua aparência, porque ela tem o aspecto de um leão. Os olhos dos homens não podem suportá-la. Outros dizem que é por ser ela de tal modo bela e brilhante, mais que o sol, que só é possível vê-la no reflexo do espelho*. No Séc. XVII Atanásio Kircher em seu OEDIPUS AEGYPTIACUS menciona o véu de Ísis como símbolo dos segredos ocultos da Natureza. Mas é somente no Séc. XVII na obra ICONOLOGIA de Jean-Baptiste Boudar que o véu de Ísis é conectado definitivamente aos segredos da Natureza: *A Natureza, sendo a reunião e perpetuação de todos os seres criados, é representada por uma mulher jovem cuja parte inferior está presa numa bainha ornada por diferentes espécies de animais terrestres e nos braços, que se encontram estendidos, por diversas espécies de pássaros. Ela tem vários seios cheios de leite. Sua cabeça coberta por um véu significa, segundo os egípcios, que os mais perfeitos segredos da Natureza são reservados ao Criador*. Plutarco refere-se a deusa egípcia Ísis com a frase enigmática *nenhum mortal levantou meu véu*. Ainda no Séc. XVIII o DICIONÁRIO DE ICONOLOGIA de Honoré Lacombe de Prével diz: *Os egípcios representavam a Natureza sob a imagem de uma mulher coberta por um véu*. E se Jean-Baptiste Boudar diz que os segredos da Natureza estão reservados apenas ao Criador, ele não convenceu seus contemporâneos, que acreditavam que o homem podia – devido aos avanços científicos da época – ele mesmo penetrar nos

segredos ocultos da Natureza e levantar o véu de Ísis.

A partir do Iluminismo surgem uma miríade de escolas ocultas, agremiações iniciáticas, fraternidades esotéricas que elegeram a Ísis-Ártemis e o mistério do véu como símbolos do ápice da jornada espiritual. Desde esse período, talvez antes um pouco, na alta Idade Média pelo menos, a ideia de *buscar o segredo da Natureza* presente nos grimórios de magia e também nos livros de simbólica alquímica e científica, tem sido associada às veredas dos caminhos da magia ritual, a busca pelo conhecimento da Ciência Proibida ou Filosofia Oculta. Ser um ocultista, magista, rosacruz etc. passou a significar que os caminhos da Tradição Oculta levam ao conhecimento secreto guardado por trás do véu de Ísis.

E onde entra a Quimbanda nisso tudo? Quando alguém me pergunta qual a natureza da Quimbanda, é a imagem de Apolo levantando o véu de Ísis-Ártemis que me vem a cabeça, porque o trabalho do *kimbanda* é exatamente esse, dissecar os segredos ocultos da Natureza. O campo de atuação do *kimbanda* é a Natureza, a Díada (2). O *kimbanda* não está interessado em olhar para o alto e contemplar o Uno (1); sua imersão profunda – representada pelo pentagrama inverso no Brasão Imperial da Quimbanda – é na pluralidade das formas, no reino da geração, que nos termos da demonologia e teologia que influenciaram profundamente a cosmovisão da Quimbanda, trata-se do Reino o Chefe Império Maioral, o Diabo.



"Apolo desvela Ártemis", ilustração de Bertel Thorvaldsen.

É o Diabo, a própria Natureza, que conecta a Quimbanda a essa história. Nas primeiras edições da *Revista Nganga* eu destaquei a natureza feminina da Quimbanda e fiz considerações abundantes sobre o *feminino diabólico* (que modernamente tem sido identificado pelo termo *Sagrado Feminino*) associado a feitiçaria de modo geral e especificamente a Quimbanda, pelo uso iconográfico da imagem teriomorfa de Maioral. Sugiro a leitura.

Desde os primórdios do cristianismo, o que foi intensificado durante a Idade Média, a terra, a matéria ou a Natureza foi associada a imagem e influência do Diabo na vida dos fiéis cristãos. Se a devoção do cristianismo está centrada em um mundo que não é a matéria, quer dizer, o mundo espiritual tendo como representante simbólico o céu e a miríade de anjos, arcanjos e potestades que habitam nos éteres do firmamento, toda a atenção deveria estar centrada objetivamente na união com Deus e na participação de sua graça e virtudes, que estão em oposição e distância ontológica da matéria, cujo Senhor é o Diabo. Em *1João* (5:19) temos: *Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno*. Em *2Coríntios* (4:4): *Satanás, que é o deus deste mundo, foi quem os cegou, quem os tornou incapazes de verem a luz gloriosa das boas novas e de compreender a maravilhosa mensagem da glória de Cristo, que é a imagem de Deus*.

A mitologia e teodiceia desenvolvidas pelo cristianismo desde o fim da Antiguidade e Idade das Trevas culminando no Medievo, fortaleceu a ideia da presença do Diabo e de seus demônios na vida cotidiana dos europeus. Na alta Idade Média já havia se cristalizado a ideia de que os demônios habitavam o ar tenebroso e que todo o mundo, quer dizer, a Natureza e a vida material, estavam sob os domínios do mal e do Diabo. Em detrimento do desenvolvimento dessa demonologia, esforços não foram poupados para expelir da comunidade cristã todos àqueles que de algum modo participavam de comunhão com o Diabo e seus demônios. Nascia a febre ou o fenômeno da bruxaria centrada em dois atores prin-



"O templo da natureza", ilustração de Henry Fuseli.

cipais: o Diabo e as bruxas que o serviam.

No cerne de nossa cultura ocidental, desde a Antiguidade e Medievo, a mulher carrega um estigma ancestral – a inclinação natural ao mal e a maculo do pecado original – que a conecta a prática da magia e a exploração do conhecimento proibido. Com o acentuado desenvolvimento da ideia do Diabo durante a Idade Média no imaginário europeu, a bruxa, figura que representava a indolência feminina no ápice de sua perfídia e maldade, passou a ser o receptáculo ideal para toda malignidade do Diabo. Santo Tomás de Aquino defendeu: *A mulher foi criada ainda mais imperfeitamente que o homem, mesmo na sua alma [...]. Na geração o papel positivo é o do homem, a mulher sendo apenas um receptáculo. Verdadeiramente não há outro sexo que não o masculino. A mulher é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pela imbecilidade de sua natureza, ceda às seduções do tentador, devendo ficar sob tutela.*<sup>[2]</sup> Estas percepções misóginas do Angélico vêm da Antiguidade aristotélica e sua base metafísica influenciou profundamente no entendimento da harmonia energética compensatória estabelecida nas relações de Exu e Pombagira. Mas tratar disso aqui fugiria completamente

[2] Citado em Carlor Roberto Figueiredo Nogueira. O NASCIMENTO DA BRUXARIA. Imaginário, 1995.

te da questão. Na peça de teatro PLACIDO Y VICTORIANO, encontramos: *A mulher é um verdadeiro diabo, um inimigo da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas, da qual o homem deve se manter afastado se quiser preservar a tranquilidade [...]. Para nós, se estivesse em nosso poder, perpetuaríamos o nosso nome pelo talento e não pelo casamento, pelos livros e não pelos filhos, com o auxílio da virtude, e não de uma mulher.*<sup>[3]</sup> E Thomas Mürmer em 1512 escreveu: *A mulher é um diabo doméstico. É comumente infiel, viciosa, fútil e namorada.*<sup>[4]</sup> Em meados do Séc. XVI Jean Bodin escrevia: Para um só bruxo, cinquenta bruxas demoníacas. No fim da Idade Média o imaginário europeu era povoado por uma miríade de bruxas vampiras e demônios associados. Foi neste período que o feminino tornou-se diabólico.

Foi esse feminino diabólico que chegou até a Quimbanda materializando-se no imaginário brasileiro na figura da Pombagira. Mameto Mwanajinganga em seu texto *O Feminino Diabólico* diz: *As antigas imagens de Pombagiras que hoje são raras de se encontrar refletem bem essa representação feminina diabólica: mulheres com poucas vestimentas, seios e muitas vezes calcinhas a mostra, com as mãos nos quadris mostrando uma atitude imponente, e sorrisos ora libertinos ora dissimulados. Muitas dessas imagens ainda eram vermelhas e tinham chifres e rabos associados a «diába» ibérica, espíritos noturnos sexualmente vorazes, demonstrando a natureza dessas antigas bruxas perseguidas. O simbolismo da Pombagira com mãos na cintura e pelve arreganhada pra frente mostra que a magia e o mistérios que as regem advém de todo assoalho pélvico, vagina, útero e ciclos. Todo o poder que elas carregam vem do feminino diabólico.*

A Quimbanda, que bebeu dessa fonte medieval, absorveu a ideia teológica e demonológica da matéria cuja natureza é feminina e diabólica. Ísis-Ártemis como símbolo da Natureza é o Diabo na Quimbanda. O Caminho do Diabo, já disse, é àquele

[3] Ibidem.

[4] Ibidem.

atalho quase que imperceptível e que leva as profundezas da Mata Escura. A natureza da Quimbanda é desvelar o véu – diabólico feminino – de Ísis gradualmente.

E assim como o Diabo é o deus deste mundo, quer dizer, o Chefe Império da matéria ou Natureza, assim o é também o deus da Quimbanda, cujo meio de operação é a própria Natureza nos seus três éteres fundamentais simbolizados no tridente de Exu: ctônico, telúrico e aéreo. Perante o *kimbanda*, portanto, a Ísis ou a Natureza se encontra sem véus, porque seu trabalho é a imersão absoluta nela, representada, no entanto, na iconografia teriomorfa de Maioral, o Diabo.

O símbolo mais importante da Quimbanda é a imagem de Baphomet imortalizada pelo Ocultista francês Eliphas Levi. Um símbolo trata-se de uma estrutura que nos capacita interpretar a realidade e que revela um significado, não necessariamente oculto, mas que as palavras podem não conseguir exprimir. Baphomet é um símbolo para o *arcano da magia*, e isso diz muito sobre sua presença na Quimbanda. A especulação trivial é que a Quimbanda assumiu o símbolo de Baphomet como o *Diabo* na intenção de se opor ao regime catequético cristão. Assim, assumindo o Diabo como simbólica do culto, infere-se que se trata de uma prática de *oposição e transgressão ao status quo* religioso dominante na cultura. Neste caso, a moral e piedade católica. Essa argumentação preenche as premissas sociológicas acerca da Quimbanda, dando sentido a elas, de fato. Mas é uma interpretação acadêmica e visão *fora locus* do culto. Baphomet como símbolo na Quimbanda está associado à prática da magia, a realização taumatúrgica da vontade ou intento-mágico na Natureza, porque é isso que se quer na Quimbanda, efetivamente. Por isso ele é o símbolo maior da Quimbanda; por isso Maioral é o *deus* da Quimbanda e regente da Matéria, mas não o Deus do cosmos inteiro. Ele representa a regência mágica dos poderes sub-lunares aos quais o *kimbanda* tem acesso e manipula. Sua significação real é mágica, não sociológica.

É interessante notar que N.A. Molina

na obra SARAVÁ EXU (Espiritualista, 1982 – 6ª edição) abre seu livro com o Brasão Imperial do Chefe Império Maioral e diz na apresentação: *Caro Irmão de Fé, ao escrever este pequeno trabalho, foi com intuito de esclarecer e ensinar aos Irmãos de Fé, diversos tipos de Magias, Feitiçarias, Oferendas e Despachos, diversos Trabalhos de Defesa e Ataque. Enfim procurei ensinar de tudo um pouco sobre o Agente Mágico Universal, suas cores, seus locais certos onde devem ser colocados os seus despachos.* Pelo termo *Agente Mágico Universal*, conforme vimos significado em Agrippa (TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA, Madras, 2005) na forma de *Alma do Mundo* em Lévi, entenda Baphomet ou Maioral, que representa a totalidade da Quimbanda, seus reinos, povos, linhas, tecnologias mágicas diversas, manipulação energética, *ligação mágica* entre terra (ou tudo que é material) e céu (ou tudo que é espiritual, sobrenatural) etc., tudo nos domínios da magia prática. Isso é, tradicionalmente, Baphomet ou Maioral na Quimbanda. Qualquer interpretação diferente disso foge das tradições e raízes da Quimbanda.

Em NO REINO DA FEITIÇARIA (Livro-postal Distribuidora, 2012) N.A. Molina demonstra ter conhecimento profundo da magia e filosofia renascentista e modernista, citando Agrippa, Gustavo Lebon e Schopenhauer entre outros. Ao discernir entre magia e feitiçaria, aliando a magia a aquisição de erudição e a feitiçaria ao curandeirismo e baixa escolaridade, diz: *Os bruxos, feitiçeiros ou quimbandeiros, como se diz hoje em dia são as pessoas malvadas e muitas vezes ignorantes, que possuem certos segredos transmitidos oralmente, e de modo solene, a outras pessoas inclinadas a praticar do Mal, para realizações, em comum, de seus propósitos criminosos. Todavia, muitos feitiçeiros guardam cuidadosamente para si os conhecimentos que possuem, e morrem sem revelá-los a pessoas estranhas.*

**Táta Nganga Kamuxinzela**  
Cova de Cipriano Feitiçeiro  
[www.instagram.com/tatakamuxinzela](http://www.instagram.com/tatakamuxinzela)

Táta Nganga Kamuxinzela  
Kimbanda Zelawapanzu

## Feitiçaria Tradicional Brasileira

# A Hierarquia Iniciática da Quimbanda Nàgô

A Quimbanda Nàgô é um culto tradicional a Exu e Pombagira que se compõe dentro de uma estrutura hierárquica e iniciática, operando por meio de um sistema familiar de transmissão de *àşę* (*moyo*), na forma de fundamentos que devem ser perpetuados, no curso do tempo, por todos os adeptos iniciados no culto. A autoridade máxima no culto é o Mestre ou Mestra chefe da família, que atua em conformidade ao Exu (*táta*) e Pombagira (*ma-meto*) chefe da banda.

Quando um postulante busca pela iniciação na Quimbanda, a ele é apresentada a estrutura do culto, dentro do contexto de uma consulta ao oráculo. Como são muitas dúvidas que chegam, decidi tecer algumas palavras sobre a estrutura hierárquica e iniciática da Quimbanda Nàgô, na forma como apresentamos na família *Cova de Cipriano Feiticeiro*.

A estrutura hierárquica do culto se divide em três graus iniciáticos até a maestria:

Iº Grau: Noviço

IIº Grau: Adepto

IIIº Grau: Sacerdote (*kimbanda*)

O Mestre de Quimbanda é àquele que cumpriu a jornada, através dos ordálios espirituais que cada grau oferece.

cia sua relação com a Quimbanda e com seu Exu tutelar, buscando por uma aproximação e conexão profunda com ele. O batismo é um período probatório e espera-se que o noviço i. organize sua ancestralidade; ii. trabalhe sobre seu ego, vícios e paixões; iii. demonstre honra, força de vontade, comprometimento e respeito ao seu mestre.

Espera-se que o noviço já traga seu Exu tutelar em terra nessa cerimônia. O noviço é instruído a iniciar um culto pessoal ao seu Exu tutelar através dos métodos da Quimbanda Nàgô, o que envolve técnicas de feitiçaria e psicurgia diversas, para o desenvolvimento mediúnico.

O noviço recebe uma firmeza na linha da Quimbanda, orientada pelo oráculo ou pelo Exu chefe da banda em terra. Junto à firmeza o noviço recebe uma guia de Quimbanda na linha de seu Exu tutelar ou nas cores tradicionais da Quimbanda.<sup>[1]</sup>

O batismo na Quimbanda é um período probatório e o noviço será testado em aptidão muitas vezes. Seu comportamento é avaliado minuciosamente, assim como suas intensões, seu comprometimento e devoção a Quimbanda.

O mestre orienta na medida em que o noviço busca e merece receber orientação.

### NOVIÇO: O BATISMO

O batismo na Quimbanda Nàgô é a cerimônia de apresentação do noviço ao Chefe Império Maioral, seu reinado e ao seu Exu tutelar. No batismo, o noviço ini-

### ADEPTO: A INICIAÇÃO

Com tempo e merecimento, o noviço passa pela cerimônia de iniciação na

[1] Há casos em que o noviço só recebe a guia. Tudo depende da orientação do oráculo.

Quimbanda e torna-se um *adepto*. Como noviço ele ainda não havia estabelecido laços definitivos com a Quimbanda, mas como adepto, ele recebe a chancela mágica da Quimbanda em sua alma, quando constitui o pacto diabólico com seu Exu tutelar e começa a construir sua aliança definitiva com o Chefe Império Maioral, o Diabo.

No curso de sua iniciação, o adepto, recebe o assentamento de seu Exu tutelar e começa a cultuá-lo, com as instruções de seu mestre, em sua casa. A partir daí inicia-se uma jornada de evolução iniciática dentro do culto, onde o adepto conquistará graus hierárquicos, até que esteja apto ao sacerdócio.

O adepto recebe o assentamento de seu Exu tutelar e, com tempo e merecimento, estará apto a receber a *faca de obrigação*. Essa é a primeira e mais importante faca do adepto, com a qual ele realizará suas obrigações de sacrifício animal ao seu Exu tutelar. Novamente, com o tempo e merecimento, ele recebe o assentamento de sua Pombagira tutelar e de seu Exu de fundos, constituindo materialmente a sua Coroa de Exus e Pombagira.

## SACERDÓCIO: O KIMBANDA

Após desenvolver-se hierarquicamente no culto, tendo merecimento, honra e caminhos para tal, o adepto ingressa na vida sacerdotal, tornando-se um *kimbanda* do culto, quando recebe a *faca de serviço* e o oráculo, a *Cabalá de Exu*, fundamentos através dos quais ele poderá prestar serviços mágico-sacerdotais em nome da Quimbanda Nàgô. A *faca de serviço* é a segunda faca que o *kimbanda* recebe, e a partir daí inicia-se mais uma jornada de capacitação onde ele deverá se esforçar para conquistar todos os fundamentos da vida sacerdotal, como o assentamento do Cruzeiro das Almas, os assentamentos do Ogum e do Preto-Velho *kimbanda*, bem

como outras facas fundamentais de trabalho sacerdotal, como a faca de carrego, a *faca do oriente*, a *faca preta*, a *faca de kiumba*, a *faca de abertura*, dentre outras, que compõem os fundamentos do sacerdócio.

E tendo adquirido os fundamentos do exercício sacerdotal, estando preparado e sendo merecedor, o *kimbanda* estará apto a se tornar um Mestre da Quimbanda Nàgô, com direitos adquiridos para iniciar noviços, constituir assentamentos e transmitir os fundamentos do culto.

## O MESTRE

A jornada de um *kimbanda* só se inicia, verdadeiramente, quando ele se torna um Mestre do culto. Até este momento, ele apenas se preparou para a efetiva vida de um *kimbanda*. A última faca recebida é a *faca de égún*. Dentre todos os fundamentos de faca, é a *faca de égún* que confere a maestria, autoridade e autorização dentro do culto. A faca de égún, como todas as outras que o *kimbanda* recebeu, nasce diretamente das mãos e da faca de seu Mestre iniciador. Todos os *àşę*, no culto, são transmitidos diretamente pelo mestre, porque na Quimbanda nós só damos àquilo que possuímos.

O tempo de desenvolvimento, no culto, depende da jornada individual, do merecimento, do comprometimento e da honra de cada um. A Quimbanda se trata de um culto para Homens capazes de empunhar uma Faca em nome do Diabo. Como tudo na Natureza, só os mais aptos e os melhores evoluem no culto.

**Táta Nganga Kimbanda**  
**Kamuxinzela**  
Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu  
Pantera Negra e Pombagira Dama da Noite  
[www.instagram.com/tatakamuxinzela](http://www.instagram.com/tatakamuxinzela)

# O Caminho Do Kimbanda

Muitas pessoas querem começar a trilhar os caminhos de Quimbanda, mas quando iniciadas se encontram em um impasse, não sabem o que fazer com o que lhes foi outorgado. Diferente de outras práticas religiosas em que há uma metodologia de ensino focada no desenvolvimento e no atendimento, na Quimbanda o foco é feitiçaria.

Você não encontrará grandes embates filosóficos tais como a formação do mundo, a ponderação da existência de um Deus maior, a necessidade em saber para onde se vai no pós-vida e se há reencarne ou não. Nada disso faz parte da caminhada do *Kimbanda*, pois ele se preocupa em estar VIVO e VIVENDO o presente.

O foco é o desenvolvimento pessoal e a cura, afinal o *Kimbanda* é um curador. Nós podemos curar aquilo que já foi e aquilo que hoje é, para evitar problemas futuros. Não há espaço no pensamento do *Kimbanda* para ponderações de um futuro que ainda não está escrito.

Neste caminho o iniciado irá trilhar sendas obscuras, adentrará nas

sombras da sua alma, terá que encarar seus próprios demônios e fazer as pazes com muitas coisas dentro dele, está é a autocura.

Por meio do mergulho ao seu lado mais sombrio você se permite entrar em equilíbrio, assim todo seu trabalho também se tornará equilibrado. O aprendizado tradicionalmente ocorre mediante a conversa, a transmissão oral, a oralidade. Contudo, devemos aliar os processos recentes nesta jornada, afinal nada é estático. Hoje temos acessos a livros, temos acesso a rede de computadores, temos como nos comunicar a distância e tudo isso pode ser usado em nosso favor, sem perder a tradição.

Mas algo que você não verá é o Mestre e o Sacerdote *Kimbanda* pajeando os iniciados e os noviços. Não é do interesse dos mestres e sacerdotes que você fique inerte, a Quimbanda é movimento. Você deverá ir atrás desse aprendizado, inquirindo, perguntando, entrando em comunhão com seu Exu Tutelar, conversando com o Erin ou Oráculo se você o possuir, fazendo as imolações sagradas enquanto entoa os cânticos propiciatórios. Isso é viver a Quimbanda!

O *Kimbanda* nunca retira seu braço (figurativamente), pois o cordão é um simbolismo para a outorga que está impingida na sua alma, depois do processo de iniciação. Então, sempre que você estiver se manifestando, não importa onde, você estará na sua figura de *Kimbanda*, não tem como fugir disto.

Por isso a honra é algo tão importante dentro da Quimbanda, o caminho é bem árduo e a Quimbanda cobra. Para aqueles que não estão preparados ou que se desviam dos caminhos definidos pelo Império Chefe Maioral, você





pode ter certeza, que a Quimbanda irá te engolir, te cobrar e as coisas não vão ir para frente.

Nessa jornada Maioral exige o melhor de seus iniciados, não se melindrando na necessidade de tomar alguém para que esse se reerga. A Quimbanda é uma manifestação da maturidade humana, onde crianças não podem brincar.

A representatividade da faca, como arma de poder, que nos coloca como controladores do *Moyo* e permite definir o que aquele poder irá fazer ou onde será usado, já deixa clara a nossa condição de predadores.

Os grandes predadores não se mostram, não se exibem, não se alardeiam. Eles se escondem nas sombras, analisam o momento adequado, observam o ambiente, encontram brechas onde ninguém mais encontra e então dão o bote em suas presas.

Desta forma o caminho do *Kimbanda* é nas sombras, sem aparecer, sem se mostrar, sem que a vaidade tome forma.

A Faca é o símbolo da maturidade, da capacidade entre escolher a vida e a morte, é um símbolo de poder, mas acima de tudo é o poder mental que seu

portador possui. Um *Kimbanda* com a mente fraca não consegue manifestar seu *Moyo* e esse despertar nunca irá acontecer.

A observação da natureza é parte importante da jornada do *Kimbanda*, enquanto o sangue é importante, todos os outros elementos da natureza (fetiches<sup>[1]</sup>) são tão importantes quanto a própria *menga*. Ao caminhar pela cidade, você se depara com muitas árvores, arbustos, flores e nunca parou para pensar se elas teriam uso mágico.

Você pode encontrar vespas, abelhas, formigas, terras de formigueiro, cachos e ninhos de insetos e pássaros abandonados, penas, dentes, ossadas e diversos outros elementos pela natureza a sua disposição, mas se você não tiver olhos para ver, não verá nada além de “lixo”.

O *Kimbanda* aprende por observação, observa seu Mestre e Sacerdote, observa os Exus e Pombagiras, observa as instruções, observa sua própria mente, observa seus anseios, observa sua fala, observa seu comportamento e depois sintetiza isso em perguntas adequadas ao seu aprendizado.

Ser *Kimbanda* é muito mais do que usar chapéu, exibir facas e fazer cara de mal. A maior parte do tempo do *Kimbanda* nem é gasta fazendo demandas, mas curando as pessoas.

Se você quer mesmo ser um *Kimbanda* primeiro se torne um homem e uma mulher. Se você quer ser um *Kimbanda* você precisa se tornar adulto antes.

***Kimbanda Zelawapanzu***  
***Sacerdote do Templo de Quimbanda***  
***Cova de Tiriri***

***Agendamentos e atendimentos: [www.instagram.com/covadetiriri](http://www.instagram.com/covadetiriri)***

[1] Fetiches, curiosidades, cúrios, ingredientes, elementos, são nomes para os objetos usados nos feitiços.

# O que é o mal?

Quando falamos que a Quimbanda é o ofício do mal, muitos se chocam e já colocam uma proteção dizendo: “Eu hein, Deus me livre! Eu sou bom, sou evoluído e não quero regredir!”.

Pois bem, a questão do mal é algo bem complexo de se definir - até mesmo porque não existe uma definição EXATA disto -, o mal é subjetivo e variável e tomou diversas formas, nas mais diversas civilizações, culturas e até mesmo nas individualizações.

Hoje, o que julgamos mal, não era outro tempo! Hoje, o que julgamos bem, pode ser um julgamento individual e não coletivo. Hoje, o que definimos como bondade ou atitudes boas, pode ser ruim para as demais pessoas.

Definir o mal é tentar definir a si mesmo e isso é algo muito complexo! Pois, esbarramos no ego, na vaidade e na visão distorcida que temos de nós mesmos.

Fomos educados para não sermos felizes, aceitarmos tudo e entender que o fracasso e o sofrimento fazem parte da vida. Concordo, no que tange a ser parte da vida. Porém, tam-

bém o oposto o é! Tudo é uma questão de visão.

Quando me submeto a alguém, esperando que minha “bondade” seja reconhecida, na verdade estou sendo manso. Mas ser manso é algo bom? Para quem quer dominar, com certeza é!

## **Temos que separar dois conceitos: O Mal Moral e o Mal Natural.**

O Mal Natural é a atividade contrária ao meu bem-estar e que dói em nós, mas que não temos controle e é provocada pela natureza e pela vida. O Mal Moral é aquele que passa por um crivo de pensamento e raciocínio, nascendo da alma humana.

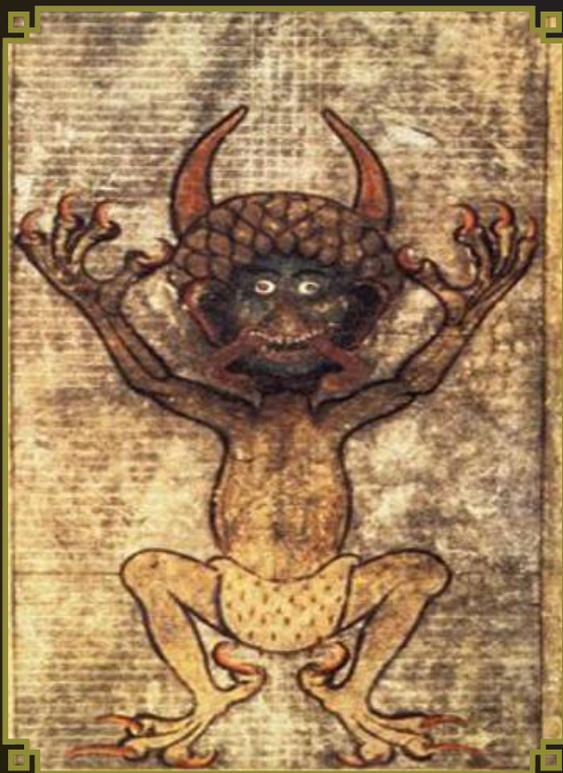
Para o filósofo Thomas Hobbes, o “Homem é mau, ele nasce mau, ele não sabe viver em sociedade e precisa de um estado autoritário, que dite as regras, as normas de convivência”.

Vejam, que aqui há a força de dizer que sua a vida deve ser comanda pelo outro, pois você nasce mau, logo você não é capaz de conduzir a sua vida, em outras palavras, sua liberdade lhe é tomada completamente.

Aqui não estamos enquadrando crimes hediondos, até porque isso não é só maldade, é expressão de perversão, busca por controle e autoritarismo. O mesmo que encontramos em um estado controlando as liberdades do indivíduo, segundo Hobbes.

Já Nietzsche, o homem que sepultou Deus, o conceito de bom e mau na esfera moral não faz sentido algum, visto que nada em sua essência é bom ou mau. Isso é compartilhado por Carl Jung em sua Psicologia Analítica, onde define-se que o ser humano, em sua psique, é composto por luz e sombra, sendo que a sombra é o depósito de tudo aquilo que não aceitamos como parte de nós mesmos. Em outras palavras, nós temos sombras em nós mesmos e não aceitamos quem somos, pois os outros definem o que somos pelo seu olhar.

Quando partimos do processo religioso, desde épocas imemoriais, vemos que a maioria dos deuses das antigas nações e povos eram duais. De certa forma, em de nós mes-



mos, encontramos o monismo, que é o fundamento em que a realidade do deus é de um princípio único, uno, ou seja, ele possui tanto os aspectos “bons”, quanto “maus” dentro de si. Unindo seus opostos em complementaridade e oposição contínua, mantendo o balanço do universo, assim como nos mostra a teoria do Yin e Yang, no Tao

Os deuses gregos, os deuses egípcios, os deuses celtas, os deuses canaanitas, TODOS possuíam, em si, ambos os princípios e que poderiam variar conforme a necessidade ou situação.

Como exemplo, temos Zeus, visto como um grande libertador de seus irmãos, que estavam aprisionados nas entranhas de Cronos, ao depor o pai, uma atitude extremamente violenta - crime de parricídio -, se coloca como aquele que irá liderar o mundo, enviando todos os Titãs (deuses da geração anterior, dentre os quais Cronos era seu líder) para o Tártaro, ou seja, a profundeza, o abismo profundo.

Contudo, quando Prometeu entrega o conhecimento do fogo ao ser humano, o mesmo Zeus determina um castigo e o pune, pois os humanos estavam agora iluminados, esclarecidos e saíam das suas trevas. Curiosamente, o DEUS da libertação, também se torna o DEUS do cárcere e da ignorância. Libertar os deuses (seus iguais) era permitido. Mas, libertar os humanos (inferiores, supostamente) era proibido.

**Na visão de Prometeu, o castigo que Zeus o impinge é CRUEL E MAU! Na visão de Zeus é JUSTO! E na visão do humano? Pense!**

Mas, essas atitudes só eram compreendidas pelos povos helênicos, pois eles tinham o entendimento que os deuses possuíam ambos os princípios em uma unidade, o monismo do qual falamos.

Isso começa a mudar com o Zoroastrismo, religião fundada na antiga Pérsia, pelo profeta Zoroastro ou Zaratustra. Essa é uma fé baseada no dualismo, onde tínhamos dois princípios distintos do BEM e do MAL, expressos em divindades diferentes, sendo que Ormuz era o deus bom e Arimã seria o deus mau.

Quando temos duas divindades distintas, é fácil compreender a oposição, isso vis-



to claramente na natureza, contudo o Deus que perdurou não adveio de um dos deuses da Pérsia (apesar de também o serem), mas o deus Canaanita, conhecido por nós como Jeová (Iavé, Javé, Jeová, YHVH).

Iavé, que é como prefiro me referir ao deus canaanita, é um dos muitos deuses das regiões da Mesopotâmia, que acabou sendo eleito pelo povo hebreu como o Deus de culto, que muito tempo depois, após o exílio babilônico, se tornaria o deus único para o povo Judeu.

Iavé não era um deus exclusivo, sendo encontrado relatos sobre ele como mais um dos que compunham os panteões canaanitas, tendo até relatos de ter uma consorte na figura de Astarte ou Aserá.

Em sua origem, o deus Iavé, tinha as mesmas características de todos os deuses, tanto seu lado “bom”, quanto seu lado “mal”. Contudo, isso criava algumas situações complexas e, por meio da influência zoroastrista, há uma separação desses conceitos, sendo exteriorizado para uma figura diferente a sua parte má, ou seja, o Diabo.

Mas, a própria cultura judaico-cristã - mais cristã na verdade - afirma que Deus é bom. Porém, também, afirma que ele é onipotente e onisciente.

Dentro da contextualização teológica Deus (Iavé), então, é um ser que TUDO PODE e que criou tudo. Desta forma, o mal também é sua criação, mas como ele poderia criar algo que ele mesmo não possui?

Quando – após o exílio da Babilônia – há a necessidade de retirar a parte maligna de Deus, cria-se uma figura de oposição, mas isso, só vai ganhar grande importância, de fato, no futuro, com o cristianismo.

Todavia, a própria cultura judaico-cristã é monoteísta, o que não acontecia no Zoroastrismo e outras religiões anteriores, que eram politeístas. O Zoroastrismo era politeísta e dualista, as religiões antigas eram politeístas e monistas.

Dualismo é quando temos dois princípios separados, ou seja, no caso, bem e mal. Para o politeísmo ser dualista é possível, pois teríamos um deus bom e um deus mal, mas ainda assim dois deuses de poderes semelhantes.

Esse é um problema grande para a teologia judaico-cristã, que afirma que Deus é único e, desta forma, temos o monoteísmo. Mas, se ele é único, de onde principia o mal se não dele mesmo? Novamente, a teologia judaico-cristã não consegue nos dizer sobre isso e, como afirma Jeffrey B. Russel, cria-se um semidualismo, colocando a figura de Satã/Diabo como o opositor e dono de todo mal. Porém, ainda assim inferior a Deus (o princípio da bondade).

Alguns dizem que o mal é a ausência do bem, porém estamos com outro problema teológico, afinal se Deus é Onipresente, ele está em todo lugar, então não há um afastamento desse princípio que poderia ser bom, mesmo que seja no Sheol, Abismo ou Inferno.

Então, podemos entender que há uma dificuldade em compreender a crença judaico-cristã e os padrões impostos devido a erros ou divergências teológicas, que forcem certas coisas a se encaixarem onde não se encaixam.

**O Mal em si, é um princípio natural e todos nós praticamos o mal, mesmo quando dizemos que somos extremamente bons.** Isso se dá pela natureza dualista do próprio ser humano. O que é bondade para mim é maldade para outros, haja vista, a diversidade cultural. Perceba que, atrocidades como escravidão, cruzadas, mor-

tes na fogueira, perseguições e afins, sempre se deram pela defesa do BEM e da RELIGIÃO (claro que com viés político, porque religião é política também).

Para o escravizador – e para quem se beneficiava da escravidão – seu Deus lhe permitia fazer isso e dominar o mundo. Para o escravizado isso era absurdo e uma atrocidade sem tamanho. Entendem a dificuldade em se taxar algo categoricamente?

Esse pensamento pode se expandir para aquele emprego que queremos, mas que outra pessoa melhor qualificada poderia ocupar. Para a doença que alguém tem e não quer se curar e a ida de seus familiares em busca de cura, contra sua vontade. A mãe que reza para o filho não sair de casa, contra sua vontade, etc.

**Então o Mal é aquilo que “me machuca”.** Aquilo que me dói, aquilo que é contrário as minhas ideias e convicções. Mas, vamos concordar aqui, que isso é bem pessoal, ou seja, subjetivo. Cada um sabe o que é melhor para si e isso pode causar mal a outro.

Então, não veja tudo com radicalismos, não dá para polarizar. Quando falamos de bem e mal, estamos falando de conceitos muito amplos, de entendimentos muito profundos, que não dá para ser generalizado e simplificado.

## A QUIMBANDA COMO OFÍCIO DO MAL

A Quimbanda é um sistema de oposição, de resistência, desta forma é vista como maligna. Isso foi assumido pelos próprios Kimbandas<sup>[1]</sup>, absorvendo as próprias sombras que outros projetam em nós, para que assim isso perca a força.

A atuação da Quimbanda se dá dentro do campo do Diabo, dentro do dono da matéria, dentro daquele que domina os quatro elementos e faz tudo existir.

**A Quimbanda é um culto de feitiçaria com propósitos individuais,** pessoais e focados no ego. Acredita-se que podemos ter tudo o que queremos e que, acima de tudo, merecemos isso. Desvincula-se o

[1] Kimbanda é um sinônimo de Quimbandeiro. Esse termo é o preferido pela nossa família.



"A queda de Lúcifer", ilustração de Gustave Doré

preconceito e a culpa cristã (que não deveria estar nem na Umbanda, mas foi incorporado posteriormente pelo movimento Espírita brasileiro com seu "espiritolicismo"<sup>[2]</sup>).

Quando procuramos a Quimbanda, compreendemos que o Eu é muito importante, uma forma de estabilizar as suas raízes, para que o progresso espiritual seja atingido, para o aprendizado, para a satisfação da matéria, para a satisfação espiritual, entre outros. Dentro do contexto quimbandista, não há como dizer que o mundo material é uma passagem de sofrimento, pois tudo nos está à disposição, por ser o reino de Maioral.

Muitos procuram a Quimbanda para resolver problemas que lhes afligem, seja de doenças, caminhos, relacionamentos, sentimentos perturbados, doenças espirituais e muito mais. Esse tipo de procura se dá num entendimento de que o sofrimento está acontecendo agora e deve ser resolvido.

Dentro da Quimbanda, o que será feito, pode ser visto como algo maligno por alguém fora do culto. Na verdade, é maligno pela definição de ser o oposto do que se julga bom e belo pelos demais.

[2] Percebemos que o movimento espírita diverge da origem do espiritismo, em sua base fundadora francesa, que ainda tinha muito do entendimento cristão, mas que pregava o estudo e o discernimento pela razão. O Espiritismo Brasileiro se torna um catolicismo com crença em reencarnação. Desta forma, conceitos deturpados, como de Karma, acabam associando-se a Lei de Causa e Efeito, criando algo diferente do Espiritismo de Kardec. Por isso, poderíamos usar o neologismo Kardecismo para designar esse espiritismo diferente, além de dizer que seus integrantes são mais espiritólicos (espírita + católicos).

Então, em uma situação de desemprego, a pessoa pode procurar a Quimbanda para conseguir seu emprego, mas a outra pessoa que perdeu a vaga para você, pode lhe achar maligno. TUDO É RELATIVO.

A questão é que o sistema maniqueísta, que domina o pensamento da sociedade hodierna, é um vírus que se alastrou muito rápido e que se enraizou como um tumor em nossas almas e mentes. Desta forma, é muito difícil fazer enxergar que nem tudo deve ser analisado dentro dos preconceitos e da forma castrativa em que fomos criados.

**A liberdade é o mote principal da Quimbanda**, assim como era da Umbanda antes desta ser cooptada pelo pensamento e culpa cristã<sup>[3]</sup>. Cria-se um rebanho para ser abatido, enquanto o pastor se alimenta deste rebanho.

**Na Quimbanda não temos essa ilusão, sabemos que TODOS somos lobos... e os lobos caçam!**

***Kimbanda Zelawapanzu***  
***Sacerdote do Templo de Quimbanda***  
***Cova de Tiriri***

***Agendamentos e atendimentos:***  
***[www.instagram.com/covadetiriri](http://www.instagram.com/covadetiriri)***

[3] Quando falamos de culpa cristã ou usamos o termo cristianismo, não estamos nos referindo ao conhecimento e práticas da população simples, mas sim ao entendimento do cristianismo defendido pelas instituições como as Igrejas e seus conglomerados, ordens e afins. Estamos falando das grandes ordens que mandam, por detrás do poder religioso.

# Idealizadores



**PAPÓ NA  
ENCRUZA**



